

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

MÔNICA MARTINS LINO DA SILVA

**TELEVISÃO, NOVELA E EDUCAÇÃO:
HÁ DIÁLOGO POSSÍVEL?**

Rio de Janeiro
2014

MÔNICA MARTINS LINO DA SILVA

**TELEVISÃO, NOVELA E EDUCAÇÃO:
HÁ DIÁLOGO POSSÍVEL?**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Guaracira Gouvêa

Rio de Janeiro
2014

DEDICATÓRIA

À minha família, pois sem ela eu nada seria! Especialmente à minha filha Melissa, pois com ela tenho aprendido mais do que ensinado.

AGRADECIMENTOS

Sem sombra de dúvidas, meu primeiro agradecimento será a Deus, pois tudo que tenho, veio e virá sempre Dele. Ofertou-me muitos momentos de alegrias. Amparou-me nas horas de dificuldades. Esteve e está comigo em TODOS os momentos da minha vida, me conduzindo, me iluminando, me protegendo, livrando do mal. Algumas vezes eu pensei em desistir desse curso, mas sabia que o Senhor tinha um projeto maior para minha vida. Com a Sua força eu persisti e agora Sua vontade está se cumprindo. A Ti meu Senhor e meu Deus, toda Honra, toda a Glória, todo o Louvor, agora e para sempre!

Com certeza o segundo agradecimento vai para minha família, em especial meus pais, Nivaldo e Sandra, duas bênçãos na minha vida. Tudo o que sou de melhor aprendi com eles, duas pessoas íntegras e de caráter inquestionável. Sempre zelaram pelo meu bem estar e se esforçaram para que eu tivesse uma boa educação. Obrigada por estarem sempre me incentivando a buscar o melhor para mim. Agradeço também à minha irmã Monique, que mesmo com algumas brigas, natural entre irmãos, sempre foi uma boa irmã e companheira nos momentos de diversão. Á vocês, meus amores, minha eterna gratidão!

Em terceiro, mas não desmerecido pela posição, agradeço ao meu marido Antônio, meu grande companheiro, um anjo que Deus pôs na minha vida para caminhar ao meu lado. Agradeço pelo grande amor, carinho, respeito, atenção, paciência e compreensão a que me dedica. Desejo e peço a Deus que permita que você permaneça ao meu lado até o fim dos meus dias. *Honey*, te amo muito!

À minha filha Melissa, agradeço, mesmo que ainda não saiba o que é isso, por tudo que tem feito por mim. Tu mais me ensinas do que aprendes comigo. Tão cheia de energia, tão esperta e inteligente, tão geniosa e cheia de personalidade, tão, mas tão linda! Só de lembrar do seu sorriso, meu dia se torna melhor. Que Deus permita que eu tenha muita saúde para estar sempre ao seu lado, trocando muitas experiências e aprendendo cada vez mais contigo. Minha neném, minha menina, *galotucha* da mamãe, minha doce Mel!

Agradeço a Guaracira, minha orientadora, pela paciência e auxílio na elaboração deste trabalho.

A todos os professores e professoras, seja da universidade, seja da vida, agradeço pelos ensinamentos teóricos e práticos, formais ou informais, e acima de tudo, agradeço por me ensinarem o que é ter amor por essa profissão tão linda, mesmo ainda sendo muito desmerecida. Á vocês, toda minha admiração!

Por fim, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que cruzaram meu caminho, familiares, amigos, conhecidos, ainda presentes ou já ausentes na minha vida. Muitas trocas, muitas vivências, muitos ensinamentos, muitos sorrisos, muitos exemplos, algumas lágrimas, muitas histórias que hão de habitar minha memória e me ajudar a compor e criar a cada dia minha realidade.

EPIGRAFE

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	CAPÍTULO 1: TELEVISÃO	12
1.1	História da Televisão: surgimento e estreia no Brasil	12
1.2	A vida na tv e a tv na vida	13
2	CAPÍTULO 2: TELENVELA	22
2.1	Um pouco da história das telenovelas no Brasil	23
2.2	Novela: O que tem lá que tanto interessa?	26
3	CAPÍTULO 3: TELENVELAS E AS CRIANÇAS: ONDE A EDUCAÇÃO	
	PODE ATUAR NESSA RELAÇÃO?	32
3.1	Relação criança x TV: a criança de “ontem” e a criança de hoje	32
3.2	E onde se encaixa a educação nessa relação?.....	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	37

RESUMO

SILVA, Mônica Martins Lino da. *Televisão, Novela e Educação: há diálogo possível* Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2014.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a relação que as crianças estabelecem com a televisão, especialmente com as novelas e como a educação pode contribuir para que essa interação seja bastante proveitosa na formação social das crianças. A necessidade de refletir sobre esses possíveis diálogos é oriunda da dúvida que paira na cabeça de pais e professores: Será que as nossas crianças absorvem tudo o que veem? Qual tipo de programa é adequado para os pequenos assistirem, algo que some entretenimento e educação? E a novela, é programa de adulto ou criança, também, pode ver? Dá ou não dá maus exemplos? Há conteúdo que se aproveite nesse tipo de programação? As novelas fazem parte do cotidiano das crianças e faz-se necessário compreender que elas fazem novas leituras de mundo a partir do que assistem. A mediação do adulto fará total diferença nessa convivência. O embasamento teórico é feito por pesquisas de estudiosos das interações do ser humano, e das crianças, com a televisão e as novelas, como Jesús Martin-Barbero, Rosa Maria Bueno Fischer, Laurindo Lalo Leal Filho, Marcondes Filho, Rosália Duarte entre outros que foram de total importância para a elaboração desta monografia.

Palavras-chaves: crianças, novela, televisão.

INTRODUÇÃO

Música - Televisão

Titãs

A televisão me deixou burro, muito burro demais
Agora todas coisas que eu penso me parecem iguais
O sorvete me deixou gripado pelo resto da vida
E agora toda noite quando deito é boa noite, querida.

Ô cride, fala pra mãe
Que eu nunca li num livro que um espirro
fosse um virus sem cura
Vê se me entende pelo menos uma vez, criatura!
Ô cride, fala pra mãe!

A mãe diz pra eu fazer alguma coisa mas eu nao faço nada
A luz do sol me incomoda, entao deixa a cortina fechada
É que a televisão me deixou burro, muito burro demais
E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais

Ô cride, fala pra mãe
Que tudo que a antena captar meu coração captura
Vê se me entende pelo menos uma vez, criatura!
Ô cride, fala pra mãe!

A mãe diz pra eu fazer alguma coisa mas eu nao faço nada
A luz do sol me incomoda, entao deixa a cortina fechada
É que a televisão me deixou burro, muito burro demais
E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais

Ô cride, fala pra mãe
Que tudo que a antena captar meu coração captura
Vê se me entende pelo menos uma vez, criatura!

Logo que ouvi essa música, tive uma identificação instantânea e pensei: tem tudo a ver como a minha monografia! TV, alienação, distância da educação, foi o que pensei ao prestar atenção na composição. A música, lançada no ano de 1985 (tem a minha idade, 29 anos), está impregnada da ideia de que o ato de assistir TV tende a deixar o espectador “burro” e alienado, e que nada é possível aprender com a televisão, senão coisas sem utilidade alguma. O ano em que a mesma foi lançada diz um pouco sobre o conceito conservador, visto que à época, o pensamento sobre a TV seguia essa tendência e essa mídia possuía pouco defensores que falavam com conhecimento de causa, podemos assim dizer. As novelas se enquadravam no mesmo escopo, e ainda sofriam um preconceito ainda maior por ser um gênero narrativo que enfatizava o romance, os conflitos pessoais e familiares e enchia de lágrimas os olhos dos telespectadores, em sua maioria do público feminino, com cenas carregadas de dramatização. Com isso, os mais cultos poderiam pensar justamente que “agora todas coisas que eu penso me parecem iguais”. Por sorte, tanto o pensamento sobre e a própria televisão evoluíram ao longo desses 29 anos.

Pensar a TV, e principalmente as telenovelas é para mim, pensar um pouco sobre a minha vida pois, posso dizer com bastante certeza que a TV influenciou muitas coisas na minha vida, inclusive a escrever sobre ela. Para mim, TV é “herança de família”, passada da minha avó para minha mãe, e obviamente da minha mãe para mim. Acho que não será diferente de mim para minha filha, visto que mesmo tão pequena ela já demonstra um grande interesse pela ‘telinha’.

Para mim, as novelas sempre foram uma busca de entretenimento e de ver o real representado na TV com *status* de ficção. Contudo, somente hoje no meio desse trabalho é que tenho a percepção disso, de que a novela fala muito mais do que quer dizer, basta observarmos e compreendermos sua mensagem.

Hoje, pensar sobre a televisão e a telenovela não é só um trabalho acadêmico para concluir o meu curso, mas será uma análise que contribuirá na educação da minha filha, pois logicamente será um tanto inevitável que em alguma época da sua infância ela tenha contato com as novelas. Estar preparada para auxiliar minha pequena a pensar criticamente e a interagir de forma positiva com a televisão, auxiliando na formação da sua identidade como cidadã e produtora e receptora de cultura. Esse âmbito da análise abrange a mediação entre TV/novela e criança por parte da família. Com esse trabalho, penso também em como a escola pode se enquadrar nessa questão e como podem ser positivos os frutos dessa intermediação.

No primeiro capítulo da monografia, descrevo brevemente a história da TV, desde seu surgimento até sua chegada ao Brasil. Destaco também a TV como reforçadora dos mitos

presentes no cotidiano, a TV companheira, amiga e babá, a TV dos “heróis”, a TV da espetacularização do real. Para esse capítulo, utilizei como embasamento teórico os autores Laurindo Lalo Leal Filho, Marcondes Filho, Rosa Fischer e Pierre Bourdieu, além de *sites* visitados.

No segundo capítulo, falo sobre as telenovelas, suas origens e como se deu a popularização no Brasil e as mudanças ocorridas no gênero ao longo dos anos, além de descrever alguns aspectos de construção das tramas no que tange as estratégias de encantamento e fidelização do público. A importância dada ao público no quesito audiência e coautoria das novelas, o desejo de proximidade cultural com o telespectador e a questão do *merchadising* social são outros tópicos abordados. Para esse capítulo, utilizei como embasamento teórico Rosa Fischer, Katia Bizzo, Maria Aparecida Baccega, Josy Fischberg, além de *sites* visitados e contato com algumas dissertações que abordavam o tema.

No terceiro e último capítulo, trago um breve ensaio sobre como e porque a educação é a chave para um melhor aproveitamento dos conteúdos exibidos nas telenovelas. Destaco também que a criança tem a capacidade de distinguir o que assiste e que faz novas leituras de mundo, mesclando a ficção com as suas vivências, e que ela não terá o mesmo entendimento e percepção que a criança de trinta anos atrás tinha, estando na verdade à frente, tomada pela grande oferta e rapidez na veiculação da informação nos dias atuais. E justamente nesse ponto que entra a mediação do adulto, tanto na família quanto na escola. Abordo também a temática das telenovelas ainda sofrerem preconceito, sendo enquadradas como produto menor e alienante, que distorce a realidade e bloqueia a imaginação infantil e trago a ideia de que se isso é válido e real, a intervenção do adulto é ainda mais necessária. Para esse capítulo, utilizei como embasamento teórico Katia Bizzo, Roberta Manuela Andrade, Josy Fischberg, Maria Lourdes Motter, Sílvia Borelle, Maria Inês Carvalho Delorme, além de *sites* visitados e contato com algumas dissertações que abordavam o tema.

CAPÍTULO 1 – SOBRE A TELEVISÃO

1.1 - História da Televisão: surgimento e estreia no Brasil

No seu início, foi difícil perceber e acreditar no potencial que a televisão tinha de ser um dos maiores veículos de comunicação da história do mundo e que causaria tamanha repercussão, já que o rádio era o único meio de transmissão que dominava os lares com notícias, entretenimento e música, mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. Em preto e branco, imagens de má qualidade, e oferecendo pouquíssimos programas ou publicidade, a TV ainda parecia algo muito distante de se concretizar na concepção das pessoas.

A história da televisão tem seu início no século XX, em meados da década de 1920, quando foi inventada, porém, não é possível dizer com certeza quem foi seu idealizador, pois a mesma foi desenvolvida por várias pessoas ao longo dos anos.

A década de 1930 marcou o aprimoramento da transmissão de TV. Na mesma época surgiram as primeiras emissoras, como a BBC, CBS e CGT. A primeira grande transmissão televisionada ocorreu nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. O uso da televisão cresceu após a Segunda Guerra, devido a investimentos. Os aparelhos de TV começaram a ser produzidos em maior escala, mas eram poucas as pessoas que tinham acesso a ele, tendo em vista que os preços eram elevados para o padrão aquisitivo da população e o rádio ainda era o meio de comunicação de massa predominante.

A popularização do uso da televisão ocorreu apenas a partir da década de 1950. No Brasil a televisão só chegou em 1950, através dos investimentos feitos pelo empresário Assis Chateaubriand. Ele trouxe cerca de 200 aparelhos de TV e espalhou-os pelo país. Nessa época a produção de televisão, em especial a brasileira, foi feita baseada em programas de rádio. A Rede Tupi foi a primeira emissora brasileira, fundada por Chateaubriand. Para transmitir ao vivo e em preto-e-branco eram necessários equipamentos enormes. A TV exigia uma linguagem diferente e os profissionais do rádio que migraram para a TV tinham, inicialmente, muita dificuldade para lidar com este novo meio, que era acompanhado pelas pouquíssimas pessoas que tinham um aparelho de televisão, caríssimo naquela época. Todo o processo de produção era novo e quase desconhecido por todos. O peso dos equipamentos comprometia seu manuseio e a gravação de imagens externas. Assim, o apresentador somente lia as notícias que eram do rádio e do jornal impresso. Durante os horários de transmissão eram apresentados pequenos shows musicais, filmes, curtas-metragens, humor, telejornais e teleteatros. Os atores famosos do teatro davam "status" à programação televisiva. Mas devido

às diferenças de linguagem, os profissionais do rádio e do teatro que foram para a TV tinham dificuldades. O primeiro programa transmitido chama-se “Tv na Taba”. Ele reunia humor, musicais, esportes, orquestras e ainda explicava ao público o que era a televisão. O primeiro telejornal, “Imagens do dia” entra no ar no dia 19 de setembro de 1951 (?). E em 21 de dezembro de 1951 foi apresentada a primeira telenovela brasileira, chamada “Sua vida me pertence”. O teleteatro foi muito importante para o desenvolvimento do meio, pois ajudou a TV a descobrir a sua própria linguagem. O primeiro teleteatro de importância estreou em 1951 e se chamava "Grande Teatro Tupi".

Ao longo desta década, a televisão brasileira foi se aprimorando e consolidando como grande veículo de comunicação. Porém ainda era um produto de difícil acesso devido ao seu alto custo, e que pertencia somente às pessoas com “status”. Aos poucos, outras emissoras foram surgindo: TV Paulista (14/03/1952), TV Record (27/09/1953) e a TV Tupi do Rio de Janeiro (20/01/1951).

1.2 – A vida na tv e a tv na vida

Quando colocamos uma televisão em casa, estamos colocando novas portas e janelas que nos permitem ver e transpor os limites do espaço físico da casa, transpor, de fato a imaginação. (ALVES, C.; LABRUNIE, M., 2008, p.66).

Sobre a televisão, é possível dizer que ela tornou-se uma das principais representantes da cultura de massa, estando presente em quase todas as casas da população brasileira, sem distinguir etnias, crenças e classes sociais que formam o nosso país.

Com relação a expressão cultura de massa, Rosa Maria Bueno Fischer cita Umberto Eco (1970) para definir o conceito, que pode ser entendido como espaço cultural vivido pelos homens em nossa época, nas sociedades modernas, em que há meios de comunicação que reproduzem em série bens culturais. Discorre, ainda, que fica evidente que há uma separação contraditória na relação produção x consumo, onde quem consome incorpora valores não seus e ainda mantém expressões culturais próprias, Já quem produz esses valores transmitidos, não os pratica a fim de que não sejam identificados com as camadas populares, equiparando-se a essa classe, de modo a inferiorizar-se. (1984, p.24).

Eco (ibdem) novamente é citado por Fischer (ibdem) quando fala sobre a importância que a TV tem como instrumento, seja para o totalitarismo, seja para a democratização, e que o foco depende do projeto político das camadas dirigentes e da sociedade. (p.39).

Fischer, no livro ‘O mito na sala de jantar’ (1984), discorre a relação entre o telespectador e a televisão, trazendo à questão o mito como exemplificação dessa dialogia do conteúdo exibido na ‘telinha’ com quem está à frente do aparelho eletrônico. A autora dialoga com diversos autores para definir a questão do mito, e Lévi-Strauss (1970) é quem caracteriza melhor o conceito:

Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados – *antes da criação do mundo* ou *durante os primeiros tempos*, em todo caso, *faz muito tempo*: mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que esses acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. [...] A substância do mito não se encontra no estilo, nem no modo de narração, nem em sintaxe, mas na *história* que é relatada [...] (p.25).

Destaco em especial o trecho “se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro”. Os programas televisivos se encaixam perfeitamente nessa fala, sendo o que fazem eles senão atualizar os mitos e espetacularizar a realidade. Trazem passado, presente e futuro emaranhados em uma teia de imagens, onde concreto e imaginário, ficção e realidade se fazem presente no nosso cotidiano nas novelas, filmes, desenhos, shows. O que é exibido não mostra nada além do que vemos do lado de fora a tela. “[...] A TV não cria mitos do nada, pelo contrário, processa na sua linguagem específica aquilo que já transita pela sociedade”. (ECO apud FISCHER, 1984, p.38). Sociedade sendo apresentada e representada em qualquer troca de canal.

A televisão faz parte do cotidiano. Para o telespectador, tudo está ali bem próximo, através das imagens da tela do televisor. Ela é como um membro da família, considerada uma pessoa amiga que está ali para ser a companheira que transmite entretenimento, emoção, fantasia e informação, no entanto, de forma alguma é neutra, e sobre isso Alves (2000, p.65) afirma que:

(...) os meios de comunicação, se esforçam para nos contar quem somos, que programas gostamos de assistir, que produtos gostamos de comprar, em que candidatos devemos votar, quantos de nós vão se casar, quantos pedirão divórcio, quanto tempo viveremos, quantos sobreviverão a uma guerra nuclear se forem tomadas medidas cabíveis. Cada vez mais nossas impressões sobre o mundo

derivam dos elaborados sistemas de comunicação. (ALVES apud MARRAFA, 2010, p.73).

O rádio, meio de comunicação popularmente utilizado, perdeu espaço para a televisão logo que esta passou a ser fabricada em massa. O cinema também perdeu espaço como veículo da mesma forma. A televisão vem como uma presença na vida das pessoas, alguém que está lá para todas as horas, a fim de entreter, informar, fazer esquecer os problemas, o cotidiano, a rotina. Enquanto se está a frente da tevê, tudo o mais é esquecido, como se o mundo parasse enquanto se assiste a um programa.

Em vez de se sentir amor, assiste-se ao amor vendo um filme, lendo um livro, ouvindo uma radionovela. Essas são experiências indiretas: vive-se a emoção dos outros. Concretamente, ninguém experimentou nada. Assiste-se a emoções em vez de vivê-las, vê-se ar puro em vez de respira-lo, lêem-se aventuras amorosas em vez de pratica-las, Imaginam-se gostos e sabores em vez de experimentá-los. É a "vivência de segunda mão" ou "vivência abstrata" porque é apenas mental. (MARCONDES FILHO, p. 42).

No entanto, desta forma, é criada a ilusão de realização, de não solidão. Através dela é possível satisfazer desejos, sonhos, vontades, porém sem fazê-los de fato. A TV confere uma liberdade disfarçada, uma falsa realidade.

Se no passado havia a "razão abstrata", as leis que estavam dentro de todos, que impunham atitudes e comportamentos, dirigiam ações, hoje, a "indústria do desejo" não reprime os desejos; ao contrario, os estimula, os ativa, os desenvolve. [...] Portanto, a "razão abstrata" de antes é hoje a tapeação: o prisioneiro continua preso mas acha que esta livre. (MARCONDES FILHO, p.39).

Como exemplo dessa falsa realidade podemos citar um programa veiculado pela Rede Globo de Televisão há fatídicos quatorze anos: o *Big Brother Brasil*. Resumindo a ideia do programa, são em torno de quatorze participantes entre homens e mulheres que ficam confinados dentro de uma casa de alto padrão, sem possibilidade de qualquer contato com o mundo exterior, salvo quando há participações especiais do elenco da emissora e de outros

famosos. Eles contam com opções de lazer como piscina e academia, e a convivência entre esses participantes determina o ritmo do programa. Conflitos e amores são vistos a todo o momento, e a cada semana um desses consegue o status de líder do programa, garantindo sua permanência por mais uma semana, e outro participante é eliminado por votação dos expectadores, esvaziando a casa ao longo de aproximadamente três meses. A ideia que é passada é que essas pessoas estão presas dentro dessa casa impossibilitada de viver suas vidas, porém quem está “preso” de fato é o telespectador. “O *Big Brother Brasil* não controla os participantes do programa [...] Ele controla quem está em casa, com a ilusão de ter liberdade de escolha, preso a uma grade de programação que não lhe dá maiores opções” (LEAL FILHO, p.94). E ainda é possível trazer Marx para essa reflexão quando o mesmo diz “sob o domínio da burguesia são idealmente mais livres que antes (no feudalismo), pois suas condições de vida lhes são fortuitas; na realidade, porém, são menos livre, pois estão submetidos à coerção das coisas” (MARX *apud* LEAL FILHO, p.94).

Para complementar a ideia do programa, o apresentador do mesmo, o jornalista Pedro Bial ainda diz a cada programa, especialmente nos dias de eliminação de um participante, a “pérola” de que eles são “heróis brasileiros”. Inadmissível é essa comparação tendo em vista que essas pessoas, que estão apenas em busca de fama, status social e midiático, e principalmente dinheiro, sejam comparadas a heróis, muito menos a heróis do Brasil, um país repleto de desigualdades onde a população em sua maioria não tem como “sustentar” o padrão de beleza que esses participantes do programa ostentam, com corpos malhados, cabelos tratados e pele de pêssego. Nem de longe é permissível fazer tal comparação com um povo que passa mais tempo no deslocamento casa-trabalho-casa, que precisa contar o dinheiro durante o mês todo para conseguir pagar honradamente suas contas, que estuda em escola pública, em fim, um povo culturalmente abnegado ao poder de quem diz que esse tipo de pessoa é herói.

A televisão sempre foi um veículo que além de informação e entretenimento, dita padrões, faz moda, vira referência em comportamento. Com isso, pode reforçar preconceitos, mesmo quando quer dizer que está sendo totalmente imparcial e contra qualquer tipo de diferença.

Além de “lançar moda”, no sentido pejorativo da expressão, a maior influência que a TV tem é a de formar opiniões, característica que alcança todas as esferas da vida social. Como em todos os meios de comunicação, sempre existe os dois lados da moeda: o certo e o errado, o bom e o mau, com a televisão não seria diferente. Em alguns casos, a TV [...], como entidade manipuladora, torna-se capaz de influenciar

as pessoas a fazer tudo o que os seus criadores [...] querem e desejam que o telespectador faça. (MAHFOUD, 2003, p.15).

Karl Popper é citado por Leal Filho quando este diz que o poder da televisão alcançou tamanha proporção de forma que é “como se tivesse substituído a voz de Deus” (p.74). Essa citação segue a linha de pensamento descrita acima, de que o poder de persuasão que a televisão (quem a produz, ou seja, as emissoras) causa faz com que algumas pessoas considerem que tudo o que lá é mostrado está dentro do escopo de verdade absoluta e inquestionável. E está aí a “fórmula do sucesso”. Envolver o telespectador e trazer ele para àquela realidade exibida, fazendo-o crer que o que está sendo exibido não é nada além do certo, já que o fazem com tanta credibilidade. É dessa forma que a informação concreta e verdadeira pode ser manipulada pelas emissoras que “registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser a realidade e o imaginário” (IANNI apud LEAL FILHO, p.64). Aí está a responsabilidade de quem faz TV. Atenção especial aos telejornais, visto que esses tem a missão de mostrar o que de fato acontece na atualidade. Não é um programa para entreter e sim para informar concretamente o telespectador. No entanto, o que temos visto, rotineiramente, nos telejornais é a manipulação da informação, exibida dentro de um conteúdo tendencioso e satisfatório para quem deseja fazer o telespectador acreditar no que é exibido. São imagens, frases e expressões que definem um fato e o caracterizam para o bem ou para o mal. Um exemplo muito fiel disso foi a cobertura jornalística das manifestações ocorridas no ano de 2013 por causa dos aumentos abusivos de passagem dos ônibus em várias partes do país. Muitos telejornais caracterizaram os manifestantes como “vândalos”, e em quase nenhum momento foi destacado o fato de que esses, apesar de certas atitudes desnecessárias, estavam lutando por um direito que é de toda a população, não aderir a mais um aumento abusivo, sem que o serviço oferecido apresente qualquer melhoria. Não só a televisão pecou nesse momento, as mídias eletrônicas em geral destacaram explicitamente o lado mal da notícia. E isso é uma forma de manipular a informação, dando acesso ao telespectador somente a um lado da moeda. “Na televisão brasileira, movida por interesses comerciais, a notícia é tratada como um produto a mais. Ela está ali para dar audiência e não para informar. Quanto mais espetacular melhor” (LEAL FILHO p.95). É assim e de outras formas que as emissoras tratam o fato real, como uma “verdade jornalística”, ou seja, um fato que, moldado conforme o gosto do “patrão” vira ‘a verdade’.

Recorro ao autor Leal Filho para exemplificar e questionar o telejornalismo. O autor descreve em seu livro *A Tv Sob Controle*, que um grupo de professores da Escola de

Comunicações e Artes da USP foi convidado pela Rede Globo para conhecer o funcionamento do Jornal Nacional, principal programa jornalístico da emissora. Lá, eles poderiam participar da reunião de pauta com o editor chefe e apresentador do telejornal, William Bonner, que definiria quais os assuntos que seriam abordados no telejornal naquele dia. Antes mesmo de começar a reunião, Bonner informa aos convidados que a Globo realizou uma pesquisa para definir o perfil do telespectador médio do Jornal, e que foi constatado que este tem certa dificuldade para entender notícias complexas. Esse perfil de telespectador foi apelidado nos bastidores do Jornal como Homer Simpson, personagem de um desenho animado muito popular nos EUA, que tem como principal característica ser preguiçoso e de raciocínio lento. Começando a reunião com os colaboradores do telejornal, os professores somente observam a certa distância a conversa entre eles e o editor chefe, que define sem meias palavras quais notícias o “Homer” vai entender ou não, deixando de lado fatos relevantes e destacando informações sem conteúdo útil para a vida do brasileiro, mas que, segundo a pesquisa realizada pela emissora, é compreensível pelo telespectador brasileiro (p. 177-178). Bourdieu diz, com relação a isso, que esse tipo de notícia são *fatos-ônibus*, pois “[...] não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante” (1997, p.23). Esse tipo de informação ocupa tempo que poderia ser empregado em outra coisa. “E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (idem, p.23). Com isso, é possível concluir que há manipulação não só de informações, como também de interesses, usando a televisão como meio. “Quanto mais frágil a democracia, mais força possui a televisão” (LEAL FILHO p.14).

A sociedade no Brasil não tem culturalmente o hábito de cobrar pelos seus direitos. E isso não é diferente com a televisão. Não é exigida uma programação adequada, com bons programas que possam ser assistido por qualquer idade. Segundo Leal Filho, a sociedade sempre foi dócil diante da televisão. Nos primeiros anos da tv brasileira, ainda havia a preocupação de uma produção que não só prendesse o telespectador, os programas feitos nessa época, entre 1950 e 1960 são ainda lembrados como referência de qualidade. Porém, ao longo dos anos, veio a censura que bloqueou qualquer possibilidade de crítica. Com seu fim, a regra passou a ser “liberar geral”, ou seja, qualquer crítica a qualquer coisa fere o direito de liberdade de expressão/opinião, confundida com liberdade de imprensa – que nada mais era do que liberdade das empresas. Só elas desfrutaram do poder de decidir o que a sociedade deve

saber ou não, como deve se comportar, de qual jeito devem falar, ou seja, o que consumir. (p.10)

Antigamente, a crítica e a reação do público levavam a um investimento qualitativo maior, pois havia uma preocupação estética, uma busca de aprimoramento do gosto. Hoje, o fato de o telespectador receber gratuitamente o programa e não poder mais “exigir seu dinheiro de volta”, leva a emissora a buscar somente o aumento do número de público, rebaixando a qualidade dos programas aos níveis “da massa”, vulgarizando-os, padronizando-os, impondo o que se chama de valor mercadológico. Interessa apenas vender o programa, não impondo a qualidade. (MARCONDES FILHO, 1988, p.20).

A ideia do consumismo está presente constantemente na programação televisiva. As novelas são campeãs em *merchandising*. Isso torna o telespectador não somente um receptor de mensagem, mas também um consumidor em alvo. “O argumento de que as programações são determinadas pela audiência é falacioso. Ao buscar índices cada vez mais elevados de audiência, as emissoras estão apenas oferecendo produtos para serem consumidos no mercado” (LEAL FILHO, p.17). Concordando com esse autor, o mesmo discorre como o telespectador é inebriado pelas estratégias de *marketing* e da publicidade, onde as emissoras usam o prestígio dos apresentadores carismáticos para fazer propaganda dos produtos. O autor lembra ainda que fazer isso com os adultos é desrespeitoso, e com as crianças torna-se ainda pior, é uma violência. As crianças ainda não conseguem discernir o real da fantasia, muito menos a diversão da propaganda. Os pequenos têm esses apresentadores como ídolos e referências. Fazendo isso, tanto o apresentador como especialmente a emissora de televisão, que é quem de fato usa o apresentador para o *merchandising*, quebra uma relação baseada na admiração e no respeito. Alguns países europeus, ou seja, países de primeiro mundo, que zelam pelo respeito ao telespectador em especial o infantil, proibiram a propaganda voltada diretamente para as crianças, tipo aquelas “compre essa sandália que você vai ser como a hello kit, a mais legal da turma”, que coloca a criança como a “top” entre os amiguinhos, estimulando ainda o conceito de superioridade pelo consumismo. No entanto, apesar, de no Brasil haver leis que regulam a propaganda e estabelecem faixas de horários para veiculação de programas e propagandas, a situação não muda, como ainda piora, principalmente, por este ser um país pautado na desigualdade, onde este tipo de propaganda é veiculado em nível nacional

e sem restrição de horário, onde a maioria das crianças não pode ter aquele produto, se tornando um ato ainda mais cruel. (idem, p.157-158).

As crianças passam mais tempo em frente à televisão do que na escola. Isso poderia ser uma coisa boa se o que essas crianças assistissem fossem programações que viessem a complementar a educação escolar, que somasse ao trabalho do professor. Mas na maioria das vezes não é o que acontece, “trazendo para a sala de aula o que há de pior no comportamento humano: individualismo, consumismo, desatenção e a substituição do diálogo pela violência” (idem, p.165). Contudo, nem sempre as crianças assistem a tudo isso de forma passiva, aí é que entra o papel dos pais e da escola, no sentido de estabelecer parâmetros de julgamento junto às crianças.¹

A televisão poderia e deveria ser um instrumento de auxílio didático para os professores porém, no que tange à programação propriamente educativa, há poucas opções em que é possível encontrar programas que sejam aproveitados como conteúdo em sala de aula. Contudo, a escola deve estar capacitada, em toda sua esfera, para fazer bom uso desse mecanismo. Os professores, os alunos, a direção e coordenação pedagógica, tudo em torno do ambiente escolar deve contribuir para a utilização da tv como forma agregadora de valor. Uma pena que estamos um pouco longe disso, já que culturalmente a sala de aula, em geral, é apenas um espaço em que as crianças vão para receber informações, o que na maioria das vezes acontece exclusivamente através do livro didático. Para o professor, é um verdadeiro desafio profissional buscar através do meio televisivo incrementar suas aulas e enriquecer ainda mais a aprendizagem dos seus alunos.

Infelizmente, para muitas crianças a televisão é uma babá eletrônica, uma companhia na ausência dos pais que precisam trabalhar o dia todo para garantir o sustento da família, ou até mesmo para aquelas marginalizadas, que moram em comunidades violentas e são obrigadas a ficar trancafiadas dentro de casa como se fossem os próprios marginais, porque a violência que verão na porta de casa será mais grave, e real, do que a que é exibida na televisão com status de espetáculo.

Mais uma vez cito Leal Filho para lembrar um fato no mínimo curioso, para não dizer bizarro. O autor relata que um jornalista brasileiro fez uma visita a Angola, que à época estava recém saído de uma guerra civil. Lá eles têm acesso ao conteúdo televisivo brasileiro, inclusive telejornais como o ‘Cidade Alerta’, da Rede Record, e perguntaram como esse jornalista conseguia viver numa cidade tão violenta quanto São Paulo, ou seja, para quem fez

¹ Resolução 163/2014 do Conanda.

essa pergunta, viver em São Paulo era uma situação muito mais perigosa do que viver em Angola durante décadas de guerra. (idem, p.124).

Diante de tantas características negativas citadas sobre televisão, talvez, a vontade que se tenha é de nunca mais gastar energia elétrica com um veículo midiático tão vulnerável. E muito menos deixar as crianças chegarem perto de uma tv que não disponha de canais por assinatura altamente selecionados.

Mas, afinal de contas, será que a televisão só tem coisas ruins? Será que as nossas crianças absorvem tudo o que veem? Será que há um jeito de protegê-las de programações televisivas que nós, adultos, avaliamos como indevidas? Qual tipo de programa é adequado para os pequenos assistirem, algo que some entretenimento e educação? Essas são questões que passam pela cabeça de professores e pais, inclusive da minha hoje como mãe e futura professora. Deixar a minha filha ver somente desenho é o mais saudável e adequado para a condição dela que **eu**, adulta, com pensamentos arraigados em valores talvez conservadores, julgo indefesa e inocente?

E a novela? É programa de adulto ou criança também pode ver? Dá ou não dá mau exemplo? Há conteúdo que se aproveite nesse tipo de programação? No próximo capítulo falarei um pouco sobre a origem das telenovelas e sua propagação no Brasil.

CAPÍTULO 2: TELENVELA

As telenovelas, fundamentos de uma nova ordem, aparecem como elementos capazes de ocasionar desordens até então inconcebíveis: invadem lares; alteram cotidianos; desenham novas imagens (...); propõem comportamentos e consolidam um padrão de narrativa considerado dissonante, tanto para os modelos clássicos e cultos, quanto para as tradições populares (BORELLI, 2001, p.30).

Pensar em escrever sobre televisão e telenovelas foi quase como pensar sobre a minha infância, a minha família, a minha própria vida já que, desde muito pequena, eu sou uma assídua telespectadora de vários tipos de programas televisivos, em especial às telenovelas. Ver televisão sempre foi um hábito de família, principalmente da minha mãe, que prefere assistir televisão a dar um passeio, caseira que só ela. E logicamente, eu a acompanhava, rindo ou me emocionando com os enredos e histórias das novelas.

A ideia de escrever sobre televisão partiu de um vídeo que assisti na faculdade numa aula de epistemologia. O vídeo falava sobre a mídia e os pequenos consumidores, como a publicidade usava de várias estratégias de persuasão para com as crianças a fim de que estas convencessem seus pais a adquirir tal produto propagandeado. Adorei o vídeo! E a partir disso comecei a pensar como a televisão pode influir quase que diretamente na educação dos pequenos mesmo que o conteúdo transmitido nem sempre seja apropriado.

Para a temática novela, tendo como referência a televisão, passei a observar crianças a minha volta. Um primo em especial me chamou a atenção. É um menino de sete anos que deixa de sair ou pede para mãe voltar mais cedo de algum passeio para não perder o capítulo da novela, querida dele. Reparando nisso, parei e refleti: como que uma criança de sete anos deixa de sair, se divertir, brincar, fazer qualquer coisa que crianças dessa idade fazem apenas por causa de uma novela? O que tem de tão interessante lá que possa envolver de tal forma um pequeno ser de apenas sete anos, e outros tantos da mesma faixa etária? O conteúdo de tudo que passa nesse programa é adequado para ser assistido por ele? Será que essa novela tem o poder de educar ou deseducar? E a televisão em si, qual papel exerce na vida das crianças? Fiquei intrigada. Pois mesmo eu que fui “criada” na frente da tv assistindo desenhos, programas de auditório, jornalísticos e principalmente as novelas, não deixava de sair e fazer brincadeira de criança por causa de um programa.

A partir de todos esses questionamentos, comecei a gestar a ideia de escrever sobre algo tão presente no meu cotidiano, pois ainda hoje sou uma assídua telespectadora de novelas e programas televisivos em geral. E agora que sou mãe de uma menina linda de um ano e oito meses e futura professora, a vontade de buscar mais informações sobre o tema é constante, na medida em que meu olhar mudou em relação a quando eu era apenas a Mônica, e não a mãe da Melissa ou a Professora Mônica.

2.1 – Um pouco da história das telenovelas no Brasil

Sendo um gênero narrativo, é possível dizer que as telenovelas seguem a mesma linha dos folhetins, das histórias literárias e contos. Um típico romance, com uma trama central, envolvimento dos personagens, desilusões, paixões, “viradas de mesa”, vilões, mocinhos e finais felizes são elementos que baseiam qualquer história, seja ela transmitida oralmente ou visualizada.

As telenovelas têm suas raízes fincadas nas radionovelas, produzidas desde 1941 no Brasil, muito famosas na Era de Ouro do rádio. A ideia da narrativa era de usar atores que representavam personagens, no entanto, por meio da postação da voz enfatizavam as emoções vividas por estes, e a sonoplastia somava efeitos as cenas, deixando a narração mais real, estimulando a imaginação do ouvinte. Com a chegada da TV no Brasil, esse gênero narrativo foi perdendo espaço, e tantos os autores como os atores do rádio migraram para as emissoras de televisão. Futuramente, as radionovelas seriam adaptadas e refeitas no formato de telenovela.

A história da telenovela no Brasil é dividida em quatro períodos, cada um deles marcado por uma mudança nesse gênero narrativo.

No primeiro período, após a criação da TV e sua inauguração no Brasil, a TV Tupi colocou no ar sua primeira telenovela em 21 de dezembro de 1951: “Sua vida me pertence”. Nessa época não havia gravação, a novela era feita ao vivo e transmitida em dois capítulos semanais.

Na década seguinte, com a criação do videoteipe as novelas puderam ser gravadas e passaram a ser exibidas diariamente. A primeira novela diária foi ‘2-5499 Ocupado’, entrou no ar em julho de 1963 pela TV Excelsior. Nesse período as tramas eram curtas, em média com cinquenta capítulos.

A partir da década de 1960, as emissoras passaram a “apostar todas as fichas” no gênero e investiram altos valores, marcando o segundo período das telenovelas.

Em 1964, o gênero consolidou-se no Brasil. No entanto, o país passava por momento delicado na política e as novelas passavam por uma espécie de avaliação e autorização para exibição, chamada Censura, que limitava o que poderia ser veiculado durante a Ditadura Militar. Devido a isso, as novelas eram baseadas em culturas, estilos, costumes e situações de outros países, evitando relacionar a exibição ao momento vivido no Brasil naquele período. Desta forma, a exibição não sofreria grandes cortes dos censores.

Por causa disso, grande parte das telenovelas brasileiras eram adaptações de telenovelas de outros países da América latinas, como Cuba, México e Argentina. A cubana Glória Magadan foi uma das maiores colaboradoras para as adaptações. Suas histórias se passavam na corte francesa, no Marrocos, na Espanha, com duques, ciganos, vilões cruéis, mocinhas ingênuas e galãs corajosos. Algumas dessas novelas são ‘Eu compro esta mulher’ e ‘O Sheik de Agadir’, produzidas pela Rede Globo. Em 1967 Janete Clair, que viria a ser uma das maiores romancistas do Brasil, é contratada para auxiliar Magadan. Na TV Excelsior, Ivani Ribeiro ganha destaque escrevendo novelas como ‘Almas de pedra’ e ‘Os fantoches’. Raimundo Lopes escreve ‘Redenção’, a mais longa produção teledramatúrgica nacional, que foi ao ar entre 1966 e 1968, composta de 596 capítulos.

No fim dos anos 1960, o gênero já está totalmente consolidado no país. Havia a necessidade de mudança no estilo das produções. Inicia-se assim o terceiro período da teledramaturgia no Brasil. O desejo era de que as novelas mostrassem mais a realidade brasileira e a partir de 1968 isso foi feito. Cenários, linguagem, personagens com características do nosso povo, trazendo mais realidade e proximidade ao telespectador, mostrando o cotidiano do brasileiro. Cássio Gabus Mendes idealizou e lançou na TV Tupi em novembro do mesmo ano ‘Beto Rockfeller’ escrito por Bráulio Pedrosa, um marco nessa mudança da teledramaturgia nacional. As telenovelas que em geral focavam suas produções no público feminino passam a partir de “Beto” e “Irmãos Coragem”, incluir em suas tramas, temáticas de interesse masculino, atraindo novos patrocinadores, mudando o público e o mercado. Nesse seguimento, as crianças também começam a serem vistas como espectadoras, mesmo que as tramas não sejam adequadas a elas (BIZZO, 2009, p.72).

A Rede Globo ainda tinha a supervisão de Magadan em suas produções, exibindo outras culturas, tempos distantes e figurinos fora do comum para a realidade brasileira. Vendo que dessa forma a emissora não conseguiria competir com as outras, começa a adequar-se ao novo estilo. Dispensando Glória Magadan e elevando Janete Clair a principal produtora do gênero, a emissora inova ao determinar estilos diferentes para cada horário de exibição das novelas, marcando o quarto período da história das telenovelas. As novelas “das seis”,

exibidas às dezoito horas, eram tramas pautadas no romantismo e em histórias da literatura brasileira, como ‘Escrava Isaura’, ‘A Sucessora’ e ‘A Moreninha’; as produções “das sete”, exibidas às dezenove horas, passaram a ter mais traços de humor, ‘Anjo mau’ e ‘Locomotivas’ criam um padrão para o horário; e às vinte horas, no horário nobre, são exibidas as novelas “das oito”, com maior carga dramática e que traziam mais elementos no qual os telespectadores se identificariam. ‘Dancin’ Days’ foi um grande sucesso no horário, com altos índices de audiência; o horário das vinte e duas horas era exibido algo mais crítico às situações reais. Em 1973, foi exibida no horário das 22h a primeira novela em cores escrita por Diaz Gomes, ‘O Bem Amado’.

Com essas mudanças, a Rede Globo lidera a audiência e fica marcada como maior produtora do gênero no país e no mundo, passando a exportar suas produções para países da América Latina, Europa e Ásia.

Aos longos dos anos seguintes, há poucas variações de estilos nas produções. Porém, cada vez mais a Rede Globo consolida-se como maior produtora de novelas no país, especialmente, após a falência da TV Excelsior no início dos anos 1970 e da TV Tupi ao final da mesma década. Outras emissoras como TV Manchete e SBT tentam sem sucesso competir com a Rede Globo.

A Manchete levou ao ar algumas novelas com certo destaque como ‘Dona Beija’ e ‘Kananga do Japão’, mas seu principal sucesso em audiência e que competiu páreo a páreo com a Globo foi a novela ‘Pantanal’, exibida em 1990. Fez também ‘Xica da Silva’, sem o mesmo sucesso que ‘Pantanal’ mas com alguma expressividade.

Já o SBT é marcado por importar produções latino-americanas, especialmente, do México, mas vez por outra, se arrisca em fazer suas próprias novelas, e teve algum êxito com o *remake* de ‘Éramos seis’ em 1994, seguidos de ‘As pupilas do senhor reitor’, ‘Sangue do meu sangue’ e ‘Os ossos do barão’. Além dessas, fez outros investimentos no gênero, todavia as tentativas foram frustradas e não deram retorno financeiro. Com isso, buscou fazer parceria com a emissora Argentina Telefe, que deu na novela ‘Chiquititas’ em 1997, de grande sucesso entre o público infanto-juvenil e que ficou cinco anos no ar. O SBT realizou parceria, também, com a Televisa para levar ao ar a novela ‘Fascinação’, porém não obtiveram êxito. Houve outras tentativas frustradas, e com isso a emissora mantém apenas reprises mexicanas na sua grade de novelas. No ano de 2012, a emissora voltou a investir em novelas e produziu

o *remake*² de ‘Carrossel’, novela mexicana exibida pelo SBT em 1991. Atualmente a emissora está exibindo o *remake* de ‘Chiquititas’.

2.2 – Novela: O que tem lá que tanto interessa?

Fischer cita Artur da Távola ao que diz respeito ao encantamento que as novelas produzem, pois:

Todo mundo tem a necessidade do exercício de emoções. Nós vivemos numa sociedade altamente repressiva em que essas noções são muito bloqueadas por uma cultura conservadora, por hábitos antigos, por uma ideologia que diz o que é ou não é moral. A telenovela é uma forma projetiva de representação das emoções, que permite a uma pessoa reprimida exercitar suas emoções sem romper o circuito de suas limitações. Então, a pessoa pode exercitar diariamente, em dose homeopática, um tipo de emoção que a vida já não lhe permite exercitar. São geralmente, pessoas que não têm mais condições culturais, pessoais ou sociais de romper com as limitações na sua vida. Então, rompem na fantasia. (1984, p.45)

Muito se diz que a telenovela é um programa melodramático e repetitivo e por isso não traz novidade ao público. Todavia, para o telespectador de telenovela, não importa a repetição de histórias. “O mito, ou melhor, a narrativa mítica é vivida ali, no momento de sua recepção, e não em qualquer outro momento” (FISCHER, 1984, p.45). Aqui, cabe citar Martin-Barbero (2002) a fim de enfatizar esse pensamento: “É contando a telenovela uns aos outros que se constrói o seu sentido” (apud BIZZO, 2009, p.16). Com isso é possível constatar que o que se vive no momento em que se está assistindo a novela é a vivência do mito. Ocorre aqui uma troca. A novela oferta ao telespectador a dose de ficção mítica de cada dia, e o público paga com a fidelidade e consumo do mito, reafirmando sua existência. “E o que faz a televisão, a telenovela sobretudo? Atualiza os mitos a partir do cotidiano dos fatos que estão ocorrendo” (BACCEGA, 2003, p.10).

Kátia Bizzo em sua dissertação de mestrado com tema ‘Crianças e telenovelas’ (2009), menciona a história do conto ‘As mil e uma noites’ a fim de comparar as estratégias utilizadas

² *Remake*: expressão utilizada no meio televisivo sobre uma regravação de uma produção, em geral teledramatúrgica, tendo como base o original, porém acrescentando novos elementos para modernizar a trama.

pela personagem Sheherazade para encantar e envolver o rei, com as mesmas utilizadas nas novelas para prender e fidelizar o telespectador.

Resumindo a história do conto, Shahzaman e seu irmão Shariar, rei da Índia e da China, sofrem grande decepção ao tomar conhecimento das traições de suas esposas. Shariar mata sua esposa e resolve que se deitaria cada noite com uma donzela virgem e a mataria ao amanhecer, espalhando pânico entre as moças do reino. Sherazade, moça culta e dotada da arte de narrar histórias, se oferece ao rei com a intenção de demovê-lo de sua ideia. Toda noite, a moça conta uma história ao rei, interrompendo na parte mais interessante, deixando-o curioso até a próxima noite, quando conheceria o desfecho da mesma. Assim, Sherazade o fez por mil e uma noites e conseguiu fazer com que o rei desistisse de sua ideia e ainda casou-se com ele.

Bizzo destaca semelhanças entre as estratégias que Sherazade usa para prender a atenção do rei e as utilizadas pelos produtores de teledramaturgia. Uma delas é a de interromper a trama no clímax, deixando o sultão na expectativa de saber o que aconteceria. Nas novelas vemos rotineiramente a mesma estratégia, chamada de “gancho”. Esse gancho deixa um suspense no ar, porém, fornece ao telespectador dados para que o mesmo possa fazer suposições de desfecho ou pensar em alternativas para o desenrolar da história, fazendo com que esse telespectador continue acompanhando a novela a fim de se certificar do que acontecerá de fato. Mesmo com o desvendar do mistério, a pessoa que assiste à novela continua acompanhando a trama, visto que uma nova sequência de tensões se inicia, retomando o ciclo, alimentando o sentimento de prazer ou frustração a cada revelação.

Outra estratégia utilizada por Sherazade para entreter e prender o interesse do sultão é contar sua história no mesmo local, à mesma hora, e com mesma duração todos os dias, trazendo o sultão ao seu encontro fielmente. Vemos mais uma semelhança com as novelas nesse ponto. Estas são exibidas de segunda-feira a sábado nos mesmos horários e com a mesma duração, fidelizando o telespectador. Como no exemplo do conto, a relação entre emissor e receptor é preenchida de valor e laços são criados, agregando importância ao narrador (Sherazade/novela) fazendo com que a trama ganhe espaço na vida do ouvinte (rei/telespectador) e estimule a sua imaginação. “A experiência ganha sentido na medida em que ele busca a razão através de vivências reais e, assim, se envolve, penetra na trama ao mesmo tempo em que se distancia da mesma”. (BIZZO, p.67).

Com a mudança ocorrida na produção de novelas na década de 1960, saindo do estilo Glória Magadan, e partindo para a realidade brasileira, cada vez mais a teledramaturgia se aproxima da vida do telespectador com elementos que geram identificação e empatia.

De acordo com Fischberg, uma teoria desenvolvida por Hernandez (apud Straubhaar, 2004) mostra que dois formatos de telenovelas podem ser comumente vistos na América Latina: *blanda* e *dura*. A telenovela *blanda*, enfatiza extremamente o drama e o amor, closes nas expressões faciais, tempo lento de desenvolvimento e gravação em estúdio. Esse tipo de formato pode ser visto especialmente em novelas mexicanas. Já a telenovela *dura*, utiliza-se também do melodramático, porém mescla isso com temas sociais, cenas externas, diferentes contextos e tramas paralelas. Esse formato define as telenovelas brasileiras. *Blanda* e *Dura* podem ser vistas, respectivamente, nas novelas do SBT e da Rede Globo. O SBT é tradicionalmente conhecido como a emissora que exhibe novelas compradas do México ou produz suas próprias tramas, porém baseadas nesse tipo de formato. Já a Rede Globo segue em suas produções o formato *dura*, dramático, mas próximo culturalmente do telespectador, exibindo temas ou locais de fácil identificação pelo receptor com as realidades presentes no nosso país. Atores que falam a nossa língua (mesmo com a dublagem, as novelas mexicanas ficam artificiais) e cenários brasileiros geram de imediato uma empatia no público, por isso tem mais chance de conquista sucesso do que as novelas mexicanas. (2006, p.119).

É por meio desses e de outros estratagemas que a arte de fazer novela perdura durante tantos e tantos anos. São essas “armas” que os produtores de teledramaturgia usam para envolver, cativar, emocionar, fazer rir ou enraivecer o telespectador.

Assumindo uma posição privilegiada em relação a que tinha no passado, o telespectador pode ser visto também como coautor das produções novelística.

São eles, os receptores, que levam as temáticas apresentadas na televisão para a discussão dentro e fora de casa, são eles que compram – ou não – os produtos “anunciados” pelo *merchandising* nas novelas, são eles que mudam – ou não – seu comportamento diante de determinada polêmica da ficção televisiva [...] (FISCHBERG, p.111).

Para os autores de telenovelas, a opinião do público cada vez mais está sendo levada em consideração para conduzir suas tramas. Poderíamos enxergar a novela como uma estrada de mão dupla. A repercussão que a novela causa entre a população, os comentários boca a boca são termômetros do sucesso ou fracasso da novela. Essa é a resposta esperada pela produção. Com isso, percebemos que a novela de hoje, muito mais do que antigamente, não é só um mero programa de entretenimento, e sim um produto que tem na sua veiculação uma das maiores arrecadações das emissoras.

A audiência é fundamental. Não podemos esquecer que a novela, por maiores que sejam nossas ambições artísticas, é um produto. Ela faz parte da programação de uma emissora comercial, e é dos espaços comerciais que vem a receita para pagar o salário dos funcionários. A audiência acaba sendo o calcanhar-de-aquiles de qualquer produto televisivo. Se não dá audiência, é preciso mexer, fazer a audiência subir, porque o espaço comercial tem que ser vendido. (NOGUEIRA *apud* BIZZO, 2009, p.92)

O gênero está se aproximando da realidade do povo brasileiro, em especial da camada popular. Fazem grande sucesso novelas que retratam em detalhes as aventuras e desventuras de classes específicas, como as empregadas domésticas, a exemplo da novela ‘Cheias de charme’, exibida pela Rede Globo às 19h. Dos autores de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, foi ao ar em 2012 e a produção tinha como foco a vida de três empregadas domésticas, que batalhavam todos os dias para conquistar seus sonhos e que passavam pelos mesmos percalços sociais que passa a maioria dos trabalhadores: condução cheia, patroa exploradora, discriminação. Coincidentemente, a nova legislação dos trabalhadores domésticos, a PEC (PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO) das domésticas, estava em processo de discussão e a novela colaborou para reforçar a importância da categoria e que esta deve buscar seus direitos trabalhistas. Além dessa temática, a novela mostrou também o poder de veiculação das redes sociais, tornando artistas famosos aqueles que expõem seus trabalhos na *internet*. As Empreguetes, grupo musical formado pelas três domésticas da trama, teve seu vídeo veiculado na internet e conquistou a fama através de recordes de acessos nas redes sociais.

A novela ‘Avenida Brasil’ fez o mesmo ou até mais sucesso do que ‘Cheias de charme’. Escrita por João Emanuel Carneiro pode ser encarada quase como um marco na história da teledramaturgia, pois trazia como trama principal o desejo de vingança de uma jovem que, quando criança, perdeu o pai e foi abandonada pela madrasta em um depósito de lixo, conhecido como lixão. As novelas são caracterizadas por sempre mostrarem mocinhas e mocinhos que mesmo sofrendo humilhações e injúrias não deixam de prezar e praticar o bem acima de tudo. A personagem Nina foi contra essa maré. Apesar de ter na sua essência a bondade, não hesitava em praticar atos considerados vis para dar continuidade ao seu plano de vingança, fazendo justiça com as próprias mãos. Além disso, a trama chamou atenção porque o principal núcleo vivia num bairro do subúrbio carioca e mostrava várias características que

envolvem as camadas populares. Isso encantou os telespectadores já que havia a identificação imediata com o que eles viam na telinha.

Atualmente a Globo está exibindo ‘Meu pedacinho de chão’ *remake* da novela original de 1971. A novela contém elementos que chamam a atenção das crianças, os cenários são coloridos como de uma história de conto de fadas e os personagens usam figurinos que mais se parecem com fantasias, dando um ar de infância e inocência à produção. Esse é mais um exemplo de como a teledramaturgia está ampliando o “espectro do sinal”, buscando ampliar o seu público, a fim de ter cada vez mais e mais audiência.

Personagens homossexuais, religiosos, suburbanos, empregadas, nordestinos, negros como protagonistas, em fim, variados tipos de público cada vez mais estão se sentindo representados, e assim consumindo, direta ou indiretamente, mais o *merchandising*, pois como dito anteriormente, a novela não é mais somente uma forma de entretenimento, é um produto comercial que vende, e vende muito.

É nesse âmbito que posso incluir da mesma forma o chamado *merchandising* social. Um novo instrumento utilizado pelos produtores de teledramaturgia para conquistar audiência, porém chama a atenção para o caráter filantrópico do que é exibido. As questões sociais abordadas aparecem como parte integrante do enredo das novelas, associadas aos diversos personagens e conflitos presentes nas diferentes histórias que se desenvolvem. Deste modo, esses personagens atuam como porta-vozes dos conceitos, atitudes e comportamentos que estão sendo promovidos. Assim, a simpatia (ou antipatia) e empatia que os personagens despertam no grande público, associam-se a fama, o carisma e a credibilidade dos atores e atrizes que os representam. Isso cria, evidentemente, uma situação bastante propícia para a compreensão, aceitação e adoção consciente das novas atitudes, comportamentos e práticas disseminadas. Nem sempre, isso se dá dessa forma, visto que em algumas novelas a apresentação de determinados grupos sociais, não são aceitos por todos, podem dominar a audiência dessa novela.

A autora Glória Perez é popularmente conhecida pelas suas novelas tratarem de temas polêmicos e que causam impacto e comoção aos telespectadores. Em ‘Barriga de aluguel’, exibida em 1990, a autora trouxe a tona a questão que dá nome a novela. Em ‘Explode coração’, de 1992, abordava a *internet*, pouco difundida no Brasil na época, e suas possibilidades de comunicação, além de mostrar a cultura cigana. Outro tema tocante foi a questão das crianças desaparecidas. No entanto, sua novela de maior repercussão foi ‘O Clone’, exibida em 2001, com foco na clonagem, na cultura muçulmana e especialmente no debate sobre as drogas. ‘Salve Jorge’, de 2012 também teve bastante destaque ao falar sobre o

tráfico de pessoas. A maioria dos trabalhos realizados pela escritora tem cunho social e em mostrar costumes de outra cultura diferente da vivida no nosso país. Outros autores fazem o mesmo em suas novelas. O *merchandising* social pode ser encarado não só como mais um produto comercializado, mas também um instrumento de utilidade pública, associado ao poder de alcance que a novela tem.

Nesse jogo, o telespectador também sai vitorioso, pois tem acesso a informações que nem sempre estão em evidência na grande mídia, e com isso, conceitos como solidariedade, cidadania, respeito ao próximo, são trabalhados de forma natural através da ficção, relembrando a sociedade um tanto individualista nos tempos atuais, a importância esquecida dos mesmos.

No próximo capítulo continuarei a temática das telenovelas, porém o foco será na interação da criança com esse tipo de programa, e como a educação pode intermediar essa relação.

CAPÍTULO 3: TELENÓVELAS E AS CRIANÇAS: ONDE A EDUCAÇÃO PODE ATUAR NESSA RELAÇÃO?

A telenovela educa e muito. Se educa a partir de valores que consideramos os mais adequados, essa é outra questão (BACCEGA *apud* FISCHBERG, p.120).

Ao longo dos anos, várias mudanças foram percebidas nas produções de teledramaturgias. Entretanto, ainda está caracterizado socialmente que novela não é programa de criança, sendo suas produções em grande maioria voltadas para o público adulto, restando para os pequenos as mesmices dos programas infantis, especialmente os desenhos animados.

Entre pontos positivos e outros tantos negativos, as dúvidas que pairam no ar são: criança deve assistir telenovela? Há algum programa que seja inteiramente confiável, que não desedueque? Alguns questionamentos têm respostas prontas, a maioria da vezes negativas com relação a isso. Porém pouco se fala sobre o que a criança pensa sobre o que assiste. Será mesmo que ele leva tudo o que assiste ao ‘pé da letra’?

Neste capítulo, falarei um pouco sobre a relação criança x novela e TV, como se dá e como que educação pode atuar nesse meio.

3.1 – Relação criança x TV: a criança de “ontem” e a criança de hoje

Muito se diz sobre a relação criança e televisão, especialmente as telenovelas, que elas distorcem a realidade, dão maus exemplos, não trazem nada de instrutivo, e etc. Porém, a criança tem o entendimento de que o que é lá exibido nada mais é do que uma representação da realidade e tem a percepção que são pessoas que “fingem” viver aquelas situações. “O imaginário presente nas telenovelas não é a negação total do real, mas, apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo. Nesse processo, ele cria novas relações que possibilitam aos homens a identificação e a percepção do universo real”. (ANDRADE, 2003, p.121).

O que devemos prestar atenção é que a criança tem percepção do que é transmitido e dos diferentes tipos de programas e que mesmo assistindo TV, ela não assume uma postura adulta e, deixando de pensar como criança. Ela interage com a programação e faz novas leituras do que vê, atrelando a esse aprendizado as próprias vivências enquanto criança, formando assim a própria identidade como ser social. “Com seu poder de imaginação, de criação e de fantasia, as crianças produzem cultura e são nelas produzidas, “possuem um olhar

crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo a ordem”. (KRAMER, 2000, p.5)”. (BIZZO, 2009, p.14).?

Há uma relação quase não percebida das crianças com as novelas, uma vez que, em sua maioria, o foco está principalmente no telespectador adulto. Hoje é possível identificar que as novelas não são mais só “programa de adulto”. O telespectador mirim é tão assíduo à frente da TV nos horários desse tipo de programa como os adultos, na medida em que, muitas vezes, estão acompanhando seus pais num momento de lazer. Para os pequenos, além de um entretenimento, a novela é uma porta de entrada para um mundo que vai demorar um pouco para conhecerem na prática. Assistindo às situações vivenciadas pelos personagens, elas apreendem vivências que podem até mesmo ser cotidianamente presenciada no seu dia a dia, identificando-se com aquilo que está sendo exibido. Com isso em mente, Fischberg destaca que “[...] a televisão é provedora de informações que antes não poderiam ser obtidas pelas crianças sem a ajuda dos adultos e uma programação que trata de assuntos “não-autorizados” para menores torna-se mais atraente”. (2008, p.113). A autora cita também uma frase de um menino de 10 anos retirada de uma pesquisa feita com crianças sobre televisão, e este resume bem a citação acima: “hoje em dia os pais não conseguem esconder nada, pois a televisão mostra tudo”. (idem, p.113). Com as novelas é assim. O que antes as crianças não tinham acesso facilmente por ser “assunto de adulto”, hoje a TV, em especial as novelas, exhibe com a maior naturalidade possível, tornando tais temas corriqueiros na vida de qualquer um.

A preferência infantil pelas telenovelas é evidente. O que é mostrado, o “mundo adulto” está quase que escancarado e sem disfarces e, por isso mesmo chama mais atenção do que desenhos animados. “Cada vez mais, fica difícil separar, na nossa sociedade, o que é adulto do que é infantil, por mais que fique claro que adultos e crianças produzem leituras diferenciadas do que vivem e atuam também de forma diferenciada”. (BIZZO, 2009, p.101).

Os programas infantis mostram quase tudo que elas vivem cotidianamente, incrementado somente por uma dose de ficção, tornando-se previsível demais. Nas novelas, a maior parte das cenas descreve o que os adultos vivem, permitindo que os pequenos possam ver de fora, apenas como um observador, situações que acontecem ao redor deles, com os pais deles, por exemplo. Temas como crises familiares, questões sociais, consumo exacerbado que há cerca de 30 anos atrás não era abordado como hoje.

O que é preciso perceber é que não há mais como poupá-las e, por sua vez, elas não são mais tão ingênuas e inocentes. O que não quer dizer que não fazem leituras diferenciadas e específicas das características de sua geração. Sim, são leituras

diferentes, com outros filtros e relações. São interpretações relativas às suas vivências e formas de lidar com a vida, que possuem olhar de criança. Elas são crianças! Só não são as crianças que fomos na idade delas (BIZZO, 2009, p.100).

Esta fala de Bizzo é fantástica! Quando eu paro para observar as apreensões que minha pequena filha faz das coisas que aprende, ou quando penso nos comentários que aquele primo, que citei no início do capítulo 2, faz sobre as coisas que assiste nas novelas, tive um *insight*³, comparando essas reflexões com a citação acima. Ainda, surpreendo-me em como a minha filha compreende e sabe diferenciar as coisas que falamos com ela. Acho incrível como esse primo descreve as cenas que chamaram mais sua atenção. Comentando com outras pessoas que tem contato com crianças dessa “nova geração” percebo nelas a mesma fala/pensamento: “como as crianças de hoje em dia são espertas”, “eu não era assim quando tinha essa idade, era bobinha”, e etc. A autora traduz tudo isso quando diz que as crianças **hoje** não são mais as mesmas que **nós** fomos quando tínhamos a idade delas. Os tempos são outros, as coisas estão diferentes da época que fomos crianças e dos nossos pais, a informação é veiculada de forma muito mais rápida e dinâmica do que há vinte ou trinta anos atrás. Por isso, devemos ter sempre em mente que as crianças de hoje estarão sempre a nos surpreender, se mantivermos o pensamento preso às crianças da década de 1980. É preciso admitir que não poderemos mais pensar no ser infantil como um projeto de gente, que não reflete sobre aquilo que vê, que não filtra o que assiste. Claro que a medida que as crianças aprendem coisas, vão incorporando esses aprendizados, certos ou não. Contudo, devemos ter em mente os usos que as crianças farão disso. À exemplo das cenas de intenção sexual, penso que talvez a criança faça uma espécie de filtro do que para ela não tem sentido prático. Ela vê, pode até saber o que é mas, como ainda não tem isso aflorado na sua natureza, não sabe o *para quê que serve*, não faz uso por não ver significação (ainda) naquela situação. Isso é uma hipótese. No entanto, tudo dependerá do contexto social em que tal criança esteja inserida. Se conversarmos com duas crianças, de bairros diferentes de uma mesma cidade e questionarmos o que elas se lembram do capítulo de ontem da *novela das oito*, as duas crianças podem fazer observações completamente distintas sobre o mesmo capítulo, destacando uma ou outra cena que chamou mais atenção, incluindo e deixando de comentar sobre cenas de violência e/ou sexo. Tudo dependerá dos significados que essas cenas tiveram para elas, atrelado da mesma forma a realidade social em que vivem. Contudo, isso não quer dizer que crianças e adultos são iguais. A criança precisa sim da mediação do adulto. Pais, e professores (as), precisam estar atentos a

³ Insight: expressão da língua inglesa utilizada para definir uma clara compreensão de alguma coisa acontecida de forma repentina. No português, equivaleria a expressão popular “cair a ficha”.

isso. E é aí que a escola precisa estar um passo a frente no que tange a trazer a temática mídia, em especial a televisiva, e mais profundamente as telenovelas, para a sala de aula. Novela faz parte do cotidiano, e ponto. Não há como negar, nem como impedir.

Mais uma vez, me apoio em Bizzo, citando Buckingham (2007) para caracterizar esse pensamento:

Não defendo aqui a ideia de que tudo deve ser exposto para as crianças, mas sim a certeza de que estamos subestimando a capacidade de compreensão desta faixa etária. Se dialogarmos com elas, possibilitando novas reflexões e críticas sobre o que foi assistido, entendendo a recepção da mídia, também, como um fenômeno social no qual as crianças buscam definir uma identidade social a partir do que refletem e interagem com a mídia e com a vida. (2009, p.101).

3.2 – E onde se encaixa a educação nessa relação?

A novela por muito tempo foi desvalorizada, em especial no meio acadêmico. Tratada como produto alienante, que mais serve para “encher” a cabeça das pessoas de besteiras, com “cultura inútil”. Realmente o preconceito existe. Um gênero sequenciado, com ênfase na melodramatização, com assuntos que nada acrescentariam. Tudo isso ocorre, pois as novelas sempre foram assistidas por um público oriundo de classes populares e por isso considerada como parte de uma cultura de massa, ou seja, do “populacho”, passando longe do que é conceituado como ‘coisa culta’. Com relação a esse preconceito, Borelli diz que:

[...] Cultura sempre foi considerada sinônimo de culto, erudito. Ainda que se tenha preservado, no contexto acadêmico, um espaço para a análise de manifestações da cultura popular – compreendida como tradições, raízes – o popular e o erudito ocupam lugares distintos e excludentes no cenário da cultura brasileira: o culto restou consagrado aos museus, academias, institutos de arte, grupos literários, enquanto o popular [...] ficou reservado às etnias, comunidades, “classes subalternas” (GRAMSCI, 1986) ou ao cotidiano vivido pelos trabalhadores. (2001, p.30).

Para os ‘eruditos’ que tratam a telenovela como um produto menor da televisão, culto mesmo é ler livros. Sabemos que o acesso e gosto pela literatura é realmente muito benéfico educacionalmente, no entanto, isso não faz parte da realidade e cotidiano da maioria dos brasileiro, seja por falta de acesso devido a fatores econômicos, seja por falta de costume. Culturalmente falando, também, ler livros não está inserido na nossa sociedade como hábito.

A telenovela, enquanto gênero narrativo, pode vir a preencher este espaço vago deixado pela falta de acesso ao livro, seja cultural ou financeiramente. A novela como o livro tem o mesmo poder de instigar a imaginação do telespectador, utilizando-se de imagens e sons. O livro nada mais é do que narrativa ficcional posta em palavras. Por isso, desmerecer a novela é também desmerecer a própria literatura enquanto gênero narrativo.

Partindo da ideia de que a telenovela é um produto ficcional, que mal há em desfrutar de uma boa dose de ficção? Será que os filmes estilo Steven Spielberg podem ser permitidos para as crianças, e as novelas não? “A ficção ajuda a compor o que entendemos por real concreto, a pensar neste real, a dar, na pior das hipóteses, um merecido descanso ao guerreiro, para que ele possa se reorganizar depois de um dia de atividade” (MOTTER, 2000, p.56). Bizzo discorre que, mesmo a telenovela atraindo os telespectadores por seu caráter emotivo entrelaçado nas tramas do cotidiano, ela “usa deste estilo para buscar situações onde a felicidade, os valores morais, o amor e o próprio cotidiano pareçam mais nobres e envolventes do que na vida real”. (2009, p.76). Em outras palavras, um dos fatores que atrai o público é a exibição da vida de todo dia, tratada de forma mais interessante, visto que, o que é rotineiramente feito por nós, pessoas comuns, e torna-se entediante, assistir as mesmas coisas exibidas de forma ficcional, com mais glamour e pompa e feito por rostinhos bonitos, é bom de ver e chama atenção.

Não há mais como fugir, desconsiderar ou ir contra a maré: a novela faz parte da vida, seja do adulto, seja das crianças. Mesmo quem não é um telespectador assíduo, ou até quem nem novela assiste, sabe de alguma forma sobre algum assunto exibido nas ‘novelas das oito’ pois ou o assunto está na internet, ou o vizinho está comentando no elevador. Ela é parte constituinte do cotidiano, está totalmente incorporada à rotina das famílias, inclusive das crianças.

Caracterizar as crianças como audiências significa assumi-las por sua vez como consumidores e como cidadãos. (...) Aos criadores de televisão, fazemos um chamado a pensar uma televisão para as crianças que não as infantilize, mas que as assuma como sujeitos e cidadãos em construção, dotados de uma especial sensibilidade em relação ao jogo das imagens e dos sons (...) (MARTÍN-BARBERO *apud* FISCHBERG, 2008, p.113).

Para Motter (2000, p.56), é aí que se justifica a intervenção pela educação. Queiramos ou não, permitido ou proibido, a TV e a novela são assuntos nas rodas de conversas das crianças. A mediação pela família é o primeiro passo. Por se tratar de algo que está cada vez

mais presente e representada na nossa cultura, a educação, tanto familiar como escolar, ajudaria a dialogar com o que lá é exibido. Entretanto, algumas temáticas postas em discussão pela telenovela acabam deixadas de lado pela escola, colocadas “embaixo do tapete” por se tratarem de temas considerados delicados, como homossexualidade, prostituição, aborto.

Pensar a telenovela é importante porque ela introduz temas que podem servir de gancho para tratarmos de assuntos que nos incomodam, que são difíceis para todos nós. Assim, mesmo que o tratamento dado a determinada temática na telenovela não seja o ideal, podemos transformá-lo em objeto de análise, o que produzirá o olhar crítico, resultando o tratamento menos adequado de certos assuntos em alguma coisa positiva. (idem, p.59).

Contudo, ambas as instâncias, família e escola, precisam estar preparadas para lidar com as temáticas transmitidas. Além de mostrar interesse pelo que se passa na cabeça da criança, o que representa para ela aquele conteúdo no qual ela está tendo contato. Isso vale não só para as novelas, como para todo conteúdo televisivo, incluindo aqueles feitos especialmente para elas, como os desenhos. O adulto precisa se aproximar do universo infantil, interagir, ouvir, dialogar a fim de obter maiores dados para relacionar-se de forma produtiva com os pequenos. “Creio que o nosso maior objetivo é construir uma educação fundada no reconhecimento do outro e suas diferenças de cultura, etnia, religião, gênero, classe social, idade”. (KRAMER apud BIZZO, 2009, p.103).

Falar apenas que “não, pode”, “não é bom” “dá maus exemplos” “não tem conteúdo aproveitável”, “aliena”, não é o suficiente. Por que não é bom? Por que não assistir? Por que dá mau exemplo? O que é bom? O que pode? Serão essas as questões que surgirão na cabeça das crianças. O fato é que o que é transmitido pela TV e novelas tem grandes chances de chegar à cabeça do telespectador, em especial o infantil, com caráter de verdade, já que a televisão está inserida num discurso credenciado. Porém, cabe aos pais e professores mostrarem como tudo acontece e se constrói, auxiliando a criança a ter um olhar crítico (MOTTER, 2000, p.59).

Cabe aos adultos a transposição da interação sem voz provocada pela televisão em uma interação verbal dialógica, construindo com as crianças canais de diálogo nos quais elas possam expressar e discutir o que pensam sobre o que veem na tevê e atuando como mediadores imprescindíveis dessa relação. (DELORME, 2006, p.135).

CONSIDERAÇÕES

A televisão e as telenovelas são temáticas que estão sendo cada vez mais avaliadas, pesquisadas e discutidas no meio acadêmico por diversas áreas. Um produto midiático tão presente na vida das pessoas por todo o mundo, especialmente no Brasil, precisa ser cuidadosamente estudado a fim de que possamos destacar seus pontos fortes e fracos e aproveitar o máximo que esse produto tem a nos oferecer.

Ao longo deste trabalho, procurei expor algumas opiniões sobre a televisão com especial atenção ao programa que mais tem audiência entre a população brasileira: as telenovelas. Por ser algo tão presente no cotidiano da população, capaz até de mudar hábitos e ditar rotinas às famílias, deve ser objeto de análise para que se compreenda a real extensão das relações estabelecidas com os telespectadores. Apenas distração e entretenimento é o que a novela tem a oferecer? Qual é a mensagem que se deseja transmitir? E a criança, expectador tão assíduo deste programa, onde fica? Estas foram algumas das questões que me motivaram a pensar e desejar escrever sobre o tema.

No entanto, meu desejo não foi de responder propriamente dito a estas perguntas e sim fazer uma análise de como a educação, a família e a novela podem e devem caminhar juntas. Como essa relação pode ser melhor se ambas as partes interagirem mais e a criança é quem sairá ganhando nesse acordo.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João. **O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES, Cristiana; LABRUNIE, Maria das Graças. **Representações da tevê em desenhos infantis**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. Telenovelas: narrativas imaginárias do Brasil. Comunicação e Política, n.s., v.X, n.3, p.109-135, 2003.

_____. Telenovela e a vida cotidiana. Comunicação & Educação, n.25, p.28-35, 2002.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Narrativa ficcional de televisão: encontros com os temas sociais**. Comunicação & Educação, n.26, p.7-16, 2003.

BIZZO, Katia de Souza e Almeida. **Crianças e telenovelas: diálogos silenciados**. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas**. São Paulo em Perspectiva, n.3, p.29-36, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

DELORME, Maria Inês Carvalho. **Televisão e consumo pelo ponto de vista das crianças**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE, Rosália. **Introdução**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; MIGLIORA, Rita; LEITE, Camila. **O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

FISCHBERG, Josy. **Telenovela como porta de entrada para o mundo adulto**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; MIGLIORA, Rita. **O vício de ver tevê**. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre a televisão**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1984.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão**. São Paulo: Summus, 2006.

MAHFOUD, Juliana Bogdanovicz. **Televisão, telejornalismo e telenovela: análise da malhação como fonte de informação para adolescentes**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – habilitação em jornalismo) – Centro Universitário Positivo. Disponível em <<http://globouniversidade.globo.com/GUniversidade/upload/monografia.PDF>> Acesso em 20-03-2014

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: A Vida pelo Vídeo**. São Paulo: Moderna Ltda, 1988.

MOTTER, Maria Lourdes. **Telenovela e educação: um processo interativo**. Comunicação & Educação, n.17, p.54-60, 2000.

Sites visitados:

Site “Tecmundo”. Disponível em <<http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>> Acesso em 20-03-2014.

Site “Tudo sobre TV”. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv>> Acesso em 20-03-2014

Site “Teledramaturgia”. Disponível em <<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/historia.asp>> 25-04-2014.

Site “Novelas da Globo”. Disponível em <<http://www.novelasdaglobo.com/a-historia-das-novelas/>> Acesso em 10-05-2014.

Site “Wikipedia”. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal> Acesso em 10-05-2014.

Site “Wikcionário” Disponível em <<http://pt.wiktionary.org/wiki/insight>> Acesso em 07-06-2014.

Site “Centro de referências em educação integral”. Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/noticias/para-trabalhar-telenovelas-e-preciso-fazer-uma-relacao-entre-conteudo-expressao-ali-contida/>> Acesso em 07-06-2014.

Site “Pesquisa FAPESP”. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2000/06/01/brasil-mostra-a-sua-cara-na-tv/>> Acesso em 07-06-2014.